



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

DAIANE FELIX DE ALMEIDA

**TRABALHO COM A CRIANÇA AUTISTA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES EM
UMA ESCOLA DO SERTÃO DA PARAIBA**

CAJAZEIRAS - PB

2021

DAIANE FELIX DE ALMEIDA

**TRABALHO COM A CRIANÇA AUTISTA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES EM
UMA ESCOLA DO SERTÃO DA PARAIBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras-PB, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Nozângela Maria Rolim
Dantas

CAJAZEIRAS - PB

2021

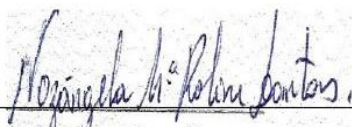
DAIANE FELIX DE ALMEIDA

**TRABALHO COM A CRIANÇA AUTISTA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES
EM UMA ESCOLA DO SERTÃO DA PARAIBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras-PB, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em 14/05/2021

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Nozângela Maria Rolim Dantas

Orientadora UAE/CFP/UFCG



Prof.^a Me. Rozilene Lopes de Sousa

Examinador Titular UAE/CFP/UFCG



Prof.^a Me. Adriana Moreira de Souza Corrêa

Examinador Titular UAE/CFP/UFCG

CAJAZEIRAS – PB

2021

A447t Almeida, Daiane Felix de.

Trabalho com a criança autista: desafios e possibilidades em uma escola de Sertão Paraibano / Daiane Felix de Almeida. - Cajazeiras, 2021. 54f.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Nozângela Maria Rolim Dantas.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2021.

1. Educação inclusiva. 2. Autismo. 3. Aluno autista. 4. Aprendizagem. 5. Formação docente. I. Dantas, Nozângela Maria Rolim. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 376

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me permitir viver esse momento único, sempre me fornecendo forças para seguir em frente e zelando a minha vida. Toda honra e toda glória a ti Senhor.

Agradeço ao meu bem mais precioso, minha família, aos meus pais Joseilton Felix e Genilda Paulino, irmãos Daniele Felix, Cosme Felix, Damião Felix e ao meu tio Fabio Júnior, por estarem sempre ao meu lado, tornando minha caminhada mais prazerosa e esse sonho possível.

Aos meus amigos da faculdade que levarei por toda a vida, por cada aprendizado e pelo companheirismo durante essa trajetória. Saudades Magali Casimiro, Edna Pedrosa, Fernanda Maria, Joseilda Gonçalves, Maria Sônia, Francisca Iris, Léia Figueiredo, Jociene, Marcos Adan, Andressa, Gaby, Emanuelle e em especial Simone Marques que acompanhou todas as minhas angústias na realização dessa monografia e pelas sabias palavras.

Agradeço aos meus amigos que fizeram parte dessa conquista me apoiando e me motivando todas as vezes que pensei em desistir, para vocês: Wanderlucia Garrido, Sabrina Garrido, Fernanda, Ana Paula, Sara Paulino, Keliane, Tais Oliveira, Samara Pereira, Cicero Marques, Sergio, Alberico. Sou grata por todos os momentos vivenciados juntos. Amo vocês.

Em especial agradeço a minha orientadora Dr^a Nozangela Maria Rolim Dantas, por sempre acreditar em mim e no meu potencial, por tornar esse sonho real, por sempre me acalmar e me tranquilizar em cada orientação, por cada risadas, brincadeiras e principalmente por me passar tantos conhecimentos, eu aprendi muito com você. Muito obrigada!

Agradeço as pessoas que fizeram parte desse trabalho sendo elas: as entrevistadas e a banca examinadora Prof^a Adriana Corrêa, Prof^a Rosilene Lopes e Luisa de Marillac.

Agradeço a todos por cada contribuição, paciência e por não desistirem de mim. Todos vocês fazem parte dessa realização. Sou grata pela vida de cada um. Agradeço a Lindângela em memória, saudades eternas.

Gratidão me resume!

“A inclusão acontece quando se aprende com as diferenças e não com as igualdades”.

Paulo Freire.

LISTA DE SIGLAS

ABA - Análise Aplicada do Comportamento

EJA – Educação de Jovens e Adultos

AEE – Atendimento Educacional Especializado

CAPS – Centro de Atenção Psicossocial

CFP – Centro de Formação de Professores

DSM-V – Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

FUNAD - Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência

MBA - Master of Business Administration

OMS – Organização Mundial de Saúde

PB – Paraíba

PECS – Sistema de Comunicação por troca de Figuras

SISU – Sistema de Seleção Unificada

TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade

TEA - Transtorno Espectro Autista

TEACCH – Tratamento e Educação para Crianças Autistas e com distúrbios Correlatos da Comunicação

UAE – Unidade Acadêmica de Educação

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal um trabalho com a criança autista: desafios e possibilidades em uma escola do sertão da Paraíba. A partir desse objetivo foram delineados outros três que deram mais especificidade ao trabalho, sendo eles: identificar as principais dificuldades enfrentadas pela criança autista; investigar se existe formação continuada para os docentes trabalhar com os alunos com autismo e conhecer as estratégias utilizadas pelos professores no aprendizado das crianças autistas. Esta pesquisa é um estudo de caso sendo de natureza qualitativa com análise simples do discurso. Para a coleta de dados foram utilizados dois roteiros de entrevistas semiestruturadas: um para a mãe do aluno autista e um outro para as duas professoras da rede pública, com perguntas voltadas para os objetivos da pesquisa. Os critérios utilizados para a seleção das entrevistadas foram o contato direto com a criança autista e por conveniência. A partir da análise das falas das entrevistadas chegamos à conclusão que é primordial conhecer a criança com autismo, para então desenvolver estratégias que possam contribuir com a aprendizagem, com o processo de socialização e de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Criança. Educação. Aprendizagem.

ABSTRACT

The present work has as main objective a work with the autistic child: challenges and possibilities in a school in the hinterland of Paraíba. Based on this objective, three others were outlined that gave more specificity to the work, namely: identifying the main difficulties faced by the autistic child; to investigate whether there is continuing education for teachers to work with students with autism and to know the strategies used by teachers in the learning of autistic children. This research is a case study being of a qualitative nature with simple discourse analysis. For data collection, two semi-structured interviews were used: one for the mother of the autistic student and another for the two public school teachers, with questions focused on the research objectives. The criteria used for the selection of the interviewees were direct contact with the autistic child and for convenience. From the analysis of the interviewees' statements, we came to the conclusion that it is essential to know the child with autism, to then develop strategies that can contribute to learning, with the socialization and communication process.

KEYWORDS: Autism. Kid. Education. Learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
2- CONTEXTUALIZAÇÃO DA INCLUSÃO ESCOLAR.....	13
2.1. Inclusão escolar.....	13
2.2 Compreendendo o autismo e suas especificidades.....	18
2.2.1 Conceito de autismo.....	18
2.3. O autista no contexto escolar.....	21
2.3.1 Métodos.....	24
3 – METODOLOGIA.....	26
3.1 Caracterização do lócus da pesquisa.....	26
3.2. Sujeito da pesquisa.....	27
3.3. Entrevista.....	28
3.4 Procedimento ético da pesquisa.....	29
4 - ANÁLISE DE DADOS.....	30
4.1. O TEA na perspectiva de uma mãe e docentes que tem contato com crianças autistas.....	30
4.2. Formação para trabalhar com alunos com TEA.....	32
4.3. Dificuldades e estratégias utilizadas no processo de aprendizagem da criança com TEA...34	
4.4 A importância do acompanhamento da família no aprendizado da criança com TEA.....	36
4.5. Inclusão na percepção dos entrevistados.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICES.....	48

INTRODUÇÃO.

O presente trabalho tem como tema principal a criança com TEA e procura compreender o trabalho com a criança autista: desafios e possibilidades em uma escola do sertão da paraíba. O interesse por esse tema surgiu a partir das observações feitas em sala de aula, na qual tive a oportunidade de presenciar e observar a maneira de ser e agir de uma criança com TEA. Foi através das experiências vivenciadas durante o estágio obrigatório e após ser monitora em uma escola, que senti a necessidade de compreender mais sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A escola que trabalhei é localizada no sertão da paraíba e é bastante conhecida por desenvolver atividades pedagógicas com alunos que possuem necessidades educativas especiais. Desta forma, nas salas que fui monitora sempre contava com crianças com autismo e outras deficiências. A instituição também desenvolve trabalhos e projetos com intuito de realizar a inclusão e a aprendizagem dessas crianças na sala de aula regular.

Após presenciar as dificuldades enfrentadas por essas crianças no âmbito escolar, senti a necessidade de me aprofundar no assunto, devido as barreiras provenientes tanto do espaço físico da escola, como também na ausência de uma formação específica na área da inclusão para os docentes e a equipe de gestão. Essas dificuldades prejudicam o processo de aprendizado e permanência dessas crianças nas escolas.

Em vista disso decidi pesquisar sobre o autismo, para compreender um pouco esse transtorno e, por conseguinte, encontrar práticas que possam auxiliar o meu trabalho como pedagoga no processo de aprendizagem dessas crianças. Deste modo, tendo como problemática inicial foi pensado a seguinte questão: quais estratégias são utilizadas pelo professor para auxiliar o aluno com TEA no processo de ensino e aprendizagem?

Sendo assim, traçou-se como objetivo geral: compreender o trabalho com a criança autista: desafios e possibilidades em uma escola do sertão da paraíba. E como objetivos específicos: identificar as principais dificuldades enfrentadas pela criança autista; investigar se existe formação para os docentes trabalhar com os alunos com TEA; conhecer as estratégias utilizadas pelos professores no aprendizado das crianças autistas.

Uma vez que o Transtorno do Espectro Autista está sendo bastante debatido e comentado atualmente, logo, percebi a necessidade de conhecer e entender mais sobre esse assunto, que é de extrema relevância para a educação.

Quanto à estrutura, o trabalho se divide em quatro capítulos, sendo o primeiro a introdução em que irei justificar a escolha do tema, incluindo objetivo geral e os objetivos específicos.

O segundo capítulo trata do referencial teórico e esse se encontra subdividido em três partes: a primeira discorre sobre a contextualização da inclusão escolar; a segunda se refere a compreensão do autismo e suas especificidades e, por fim, a terceira procura apresentar o autismo no contexto escolar.

No terceiro capítulo apresenta os métodos utilizados para realizar a pesquisa, recursos, os instrumentos para coleta de dados, a descrição das entrevistadas, e os procedimentos éticos adotados.

O quarto capítulo se refere a análise de dados que foram obtidos através das entrevistas semiestruturadas com as professoras e a mãe de uma criança com TEA. A partir das falas das entrevistas foi possível compreender os desafios e as possibilidades de trabalhar pedagogicamente com alunos que possuem esse transtorno.

Por fim, concluímos a composição desse trabalho com a apresentação das considerações finais e das referências que serviram como fonte de pesquisa futuras.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA INCLUSÃO ESCOLAR

2.1. Inclusão escolar

Para entendermos um pouco sobre inclusão da pessoa com deficiência traremos várias leituras de alguns autores, nos quais irão situar o conceito de inclusão na perspectiva escolar. Além disso discutiremos sobre como essa inclusão está sendo realizada e quais leis que asseguram os direitos a educação das crianças que possuem determinada deficiência ou transtorno, uma vez que estas questões muito têm sido debatidas no meio escolar. Para Mantoan (2003) a educação é fundamental e essencial, sendo um direito humano no qual deve estar à disposição de todas as pessoas.

Desta forma, a educação inclusiva permite que as pessoas que possuem alguma deficiência tenham as mesmas oportunidades que as outras crianças que vivem em um contexto de normalidade. Conforme Hehir (2016, p.2):

A educação inclusiva é a prática indicada e reafirmada em diversas declarações internacionais, leis nacionais e políticas de educação. Essas políticas, somadas aos esforços dos defensores dos direitos das pessoas com deficiência, têm levado a um aumento substancial do número de alunos com deficiência que recebem educação escolar junto de seus colegas sem deficiência.

Com isso podemos observar que a inclusão está acontecendo nas escolas devido a luta de pessoas empenhadas a promover ações de acessibilidade no contexto da sala de aula na promoção de atividades pedagógicas que envolvam crianças com e sem deficiência, que visam a aprendizagem de todos.

De acordo com Antunes (2008), a educação inclusiva deve iniciar desde o primeiro acesso da criança no ambiente escolar, a partir do primeiro contato do aluno com a instituição. Desta forma, a inclusão permite que as pessoas com deficiências tenham acesso a uma educação de qualidade. Antunes afirma que:

Entretanto, que isso de fato ocorra, é necessário reconhecer que a inclusão implica uma reestruturação das escolas e a necessidade de implementação de uma pedagogia voltada para a diversidade e para as necessidades específicas do aluno em diferentes contextos. Assim, comprova-se que tudo o que já foi feito representa um salto expressivo, mas, infelizmente, ainda não saiu do papel. (ANTUNES,2008, p.16)

Segundo Mantoan (2003, p. 17) as escolas brasileiras são marcadas por um grande número de alunos que abandonam a sala de aula “[...] que são marginalizados pelo insucesso,

por privações constantes e pela baixa autoestima resultante da exclusão escolar e da social — alunos que são vítimas de seus pais, de seus professores e, sobretudo, das condições de pobreza em que vivem”. Desta forma, podemos observar que todos esses fatores acabam prejudicando a vida estudantil do aluno, desenvolvendo na criança diversos bloqueios e dificuldades, implicando uma falta de estímulo e conseqüentemente dificultando a permanência da criança no âmbito escolar.

Diante dessas novidades, a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui os alunos. E muito menos desconhecer que aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos, implica representar o mundo a partir de nossas origens, de nossos valores e sentimentos. (MANTOAN,2003,11)

Diante disso, é necessário que a escola também possa compreender o aluno que traz consigo uma bagagem e como diz a autora traz consigo suas origens e que as mesmas devem ser respeitadas, para assim auxiliar esse aluno no aprendizado. Portanto, incluir não é tão somente inserir a criança com deficiência na mesma sala com os alunos ditos “normais” ou apenas fazer a sua matrícula em uma instituição de ensino.

O Conselho Nacional de Educação (CNE) e a Câmara de Educação Básica (CEB) determinam que todos os alunos devem ser matriculados nos sistemas de ensino e assistidos conforme as suas necessidades. Nessa perspectiva, é importante destacar o que a resolução CNE/CEB nº 02/2001, no Art. 2º estabelece que:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos.

Parágrafo único. Os sistemas de ensino devem conhecer a demanda real de atendimento a alunos com necessidades educacionais especiais, mediante a criação de sistemas de informação e o estabelecimento de interface com os órgãos governamentais responsáveis pelo Censo Escolar e pelo Censo Demográfico, para atender a todas as variáveis implícitas à qualidade do processo formativo desses alunos. (BRASIL, 2001)

Este documento determina um atendimento de qualidade para todos os alunos. No entanto as escolas ainda estão se organizando para oferecer uma assistência especializada aos alunos com deficiência, conforme ditames da lei.

De acordo com Mittler (2003, p.16):

A inclusão não diz respeito a colocar as crianças nas escolas regulares, mas a mudar as escolas para torná-las mais responsivas às necessidades de todas as

crianças; diz respeito a ajudar todos os professores a aceitarem a responsabilidade quanto à aprendizagem de todas as crianças nas suas escolas e prepará-los para ensinarem aquelas crianças que estão atual e correntemente excluídas das escolas por qualquer razão. Isto se refere a todas as crianças que não estão beneficiando-se com a escolarização, e não apenas àquelas que são rotuladas com o termo “necessidades educacionais especiais”.

Desta forma, a escola precisa oferecer um ambiente no qual a criança com deficiência consiga se desenvolver junto com as demais que ali se encontram. Para isso é necessário que os docentes tenham apoio por parte da escola para melhor auxiliar no processo de ensino e aprendizagem dessa população.

É necessário que façamos valer o direito da educação para todos, que está expresso na Constituição Federal de 1988 e na Lei Brasileira de Inclusão, nº 13.146, de julho de 2015 no artigo 27:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. Parágrafo único. É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação.

As leis deixam claro que todas as pessoas tem direito ao acesso à educação e que é dever do Estado, da sociedade e da família promover e fazer valer o direito a educação para as pessoas com deficiência, pois elas fazem parte da sociedade. Ao promover a inclusão a sociedade e o poder público está promovendo o exercício da cidadania. Para Carneiro (2007, p. 29):

Educação inclusiva é um conjunto de processos educacionais decorrente de execução de políticas articuladas impeditivas de qualquer forma de segregação e de isolamento. Essas políticas buscam alargar o acesso à escola regular, ampliar a participação e assegurar a permanência de todos os alunos nela, independentemente de suas particularidades. Sob o ponto de vista prático, a educação inclusiva garante a qualquer criança o acesso ao Ensino Fundamental, nível de escolaridade obrigatório a todo cidadão brasileiro.

Diante disso, essas políticas tem como objetivo garantir que seja efetiva a permanência desses alunos no ambiente educacional, contudo é necessário que a escola ofereça meios que possibilitem a participação dessa criança independente de sua limitação.

Segundo Mantoan (2013) todos somos diferentes de alguma maneira, entretanto, devemos ter direitos iguais, pois vivemos em uma sociedade regida pelas mesmas leis. Portanto, sempre que nos sentirmos excluídos de algo que é de direito nosso, principalmente quando essa

exclusão envolve o direito a educação devemos nos posicionar e reivindicar para que esse direito se concretize. Segundo Sasaki (1997, p. 164):

[...] Uma sociedade inclusiva vai bem além de garantir apenas espaços adequados para todos. Ela fortalece as atitudes de aceitação das diferenças individuais e de valorização da diversidade humana e enfatiza a importância do pertencer, da convivência, da cooperação e da contribuição que todas as pessoas podem dar para construir vidas comunitárias mais justas, mais saudáveis e mais satisfatórias.

Diante o exposto fica evidente que trabalhando em conjunto na realização da inclusão ela pode acontecer. Através das leituras percebemos que é um assunto polêmico, complexo e que precisa da atenção, não só da sociedade, mas do poder público com a implantação de políticas que venham a suprir as necessidades das pessoas com deficiência, conforme as limitações e especificidades de cada pessoa.

As políticas públicas são importantes porque elas buscam incluir a pessoa com deficiência em todas as esferas da sociedade e não visam apenas integrar essas pessoas em um contexto social que não interage com a realidade dessa população. Mantoan (2003), procura fazer uma breve descrição dos termos integração e inclusão. Esses termos costumam criar confusão nas pessoas por não saberem diferenciá-los, inclusive no ambiente escolar. Para compreendermos um pouco os dois vocabulários apresentamos uma breve explicação realizada por Mantoan (2003, p. 16) no contexto escolar:

A integração escolar pode ser entendida como o “especial na educação”, ou seja, a justaposição do ensino especial ao regular, ocasionando um inchaço desta modalidade, pelo deslocamento de profissionais, recursos, métodos e técnicas da educação especial às escolas regulares.

Quanto à inclusão, esta questiona não somente as políticas e a organização da educação especial e da regular, mas também o próprio conceito de integração. Ela é incompatível com a integração, pois prevê a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática. Todos os alunos, sem exceção, devem frequentar as salas de aula do ensino regular.

A autora deixa claro que a integração consiste em apenas colocar o aluno na escola por meio da matrícula sem que este participe de todas as atividades promovidas pela escola. A inclusão é o exercício da cidadania da pessoa com deficiência, pois ela se envolve e está presente nas atividades pedagógicas junto com as outras crianças, nos eventos promovidos pela escola, nos projetos que são desenvolvidos dentro e fora da instituição. De acordo com Werneck (1997, p.53):

Os vocábulos integração e inclusão no âmbito de ensino encerram uma mesma idéia, ou seja, a inserção da pessoa com necessidades educativas especiais na escola. Entretanto quando empregamos a palavra inclusão estamos nos referindo a uma inserção total e incondicional. Quando usamos a palavra integração queremos dar a ideia de que a inserção é parcial e condicionada as possibilidades de cada pessoa. A inclusão exige uma transformação da escola, pois depende a inserção no ensino regular dos alunos com quaisquer déficits e necessidades. A inclusão exige rupturas. No sistema educacional da inclusão cabe a escola se adaptar as necessidades dos alunos e não aos alunos se adaptarem ao modelo da escola.

Mantoan (2003, p. 17) completa a reflexão sobre integração e inclusão afirmando que: “A distinção entre integração e inclusão é um bom começo para esclarecermos o processo de transformação das escolas, de modo que possam acolher, indistintamente, todos os alunos, nos diferentes níveis de ensino”. Com base no que foi mencionado referente aos termos integração e inclusão percebermos e identificarmos as divergências existentes referente a esses vocabulários.

A partir dessa perspectiva entendemos que é necessário que exista mudanças no modelo educacional de ensino. A escola deve se estruturar e se organizar para atender e receber os alunos com deficiência, oferecendo as mesmas condições de ensino e aprendizagem que têm os alunos sem deficiência. Por fim, oferecendo condições e ensino de qualidade, para então ser concretizado a aprendizagem e conseqüentemente evitando a evasão desses alunos nas escolas.

A partir dessas reflexões percebemos que existe fatores que dificultam a permanência da pessoa com deficiência no ambiente escolar, para entendermos sobre esses desafios Antunes comenta:

Bem maior que o distúrbio e a dificuldade que esses alunos apresentam é o fato de dependerem de um sistema educacional organizado para exaltar a seletividade e aplaudir a hipocrisia da pretensa normalidade, como se todos nós não tivéssemos essa ou aquela limitação. É chegada a hora de se voltar a uma nova pedagogia, a uma pedagogia para todos os diferentes, a uma pedagogia da inclusão. (ANTUNES, 2008, p.09).

Em vista disso, identificamos que o trabalho pedagógico de caráter inclusivo deve ser diversificado, que se adeque para garantir a aprendizagem de todos os alunos que ali se encontram, por mais intensas que sejam as diferenças que caracterizam a diversidade do sistema educacional de nossas escolas. Para tanto Antunes (2008, p.09) ressalta que “[...] uma coisa é aceitar a teoria da inclusão, outra bem diferente e mais difícil é saber como fazer isso. É muito perverso acabar excluindo alguém, que na verdade se quer incluir, por não conhecer meios e processos para bem fazê-lo”.

Deste modo, as pessoas com deficiência encontram diversos desafios, nos quais acabam prejudicando e tornando essa realidade mais desafiadora para essas pessoas, fazendo com que

esse processo de inclusão seja um trabalho lento e cheio de obstáculos. Conforme Matoan (2003, p.14) “Se o que pretendemos é que a escola seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceitos e que reconhece e valoriza as diferenças”.

Conforme Mantoan (2006, p. 185);

A escola é a instituição por intermédio da qual a criança se introduz no mundo público, e daí o papel do Estado em relação a todas elas. À família cabe o dever de garantir à criança o que é típico do domínio privado do lar, e ao Estado cabe garantir o direito indispensável da criança a educação escolar, pois é ela que faz a transição entre essas duas vidas.

Em resumo não poderíamos deixar de falar do quão é essencial que a escola junto com a família trabalhe em conjunto na efetivação do aprendizado dessa criança, uma vez que, os pais em parceria com a escola e a comunidade permitem que essas pessoas tenham oportunidade de obter sucesso durante sua vida.

2.2 Compreendendo o autismo e suas especificidades

2.2.1 Conceito de autismo

Para compreendermos um pouco sobre o autismo precisamos entender como se deu início a descoberta desse transtorno. Conforme Cunha (2012) a designação do autismo provém de estudos complexos desde a sua origem:

O termo autismo origina-se do Grego autós, que significa “de si mesmo”. Foi empregado pela primeira vez pelo psiquiatra suíço E. Bleuler, em 1911, que buscava descrever a fuga da realidade e o retraimento interior dos pacientes acometidos de esquizofrenia. O autismo compreende a observação de um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal: comprometimentos na comunicação, dificuldades na interação social e atividades restrito-repetitivas[...]. (CUNHA, 2012, p. 20)

Dando continuidade, Cunha (2012) afirma que o autismo pode ser identificado logo nos primeiros anos de vida da criança. Infelizmente pouco se sabe sobre a causa desse transtorno, sendo ainda uma incógnita para os pesquisadores. O TEA é bastante complexo, no qual existe vários quadros comportamentais divergentes, dificultando um diagnóstico mais preciso logo no início da vida do sujeito, devido não ter um padrão que configure o que seja uma criança com autismo.

De acordo Mello (2013) o autismo foi divulgado pelo médico Leo Kanner nos Estados Unidos no ano de 1943 e também pelo médico austríaco Hans Asperger em 1944, ambos

descreveram de maneira muito semelhante os sintomas que pessoas autistas apresentam, deste modo dando início a estudos em relação ao transtorno.

Segundo Silva (2012) no ano de 1944 Hans Asperger publicou um estudo no qual ele observou mais de 400 crianças, estudando suas habilidades e comportamentos. No estudo Hans avaliou e identificou nas crianças a falta de empatia, dificuldade de socializar e dificuldades na coordenação motora. Hans denominava essas crianças de “pequenos mestres” ao presenciar e constatar a facilidade em que eles tinham sobre um determinado tema. Logo após, o quadro ficou conhecido como a síndrome de Asperger.

Nas palavras de Belissário e Cunha (2010, p.16):

A dificuldade de socialização é à base da tríade de sintomas do funcionamento do autismo. Isso evidencia a característica do autista, enquanto outras crianças buscam formar grupos para realizar as brincadeiras, no decorrer das suas vidas essas interações só se aprimoram costumes e regras em sociedade, enquanto o autista tende a se isolar cada vez mais.

Mediante o exposto, mesmo com essas características podemos desconstruir a ideia que a sociedade tem em relação ao TEA, rotulando essas crianças como pessoas incapazes e limitadas, ocorrendo assim um preconceito e conseqüentemente, dificultando a evolução dessas crianças em relação ao transtorno.

Silva (2012) relata em seu livro que uma mãe psiquiatra de uma criança com autismo, movida pelos questionamentos do transtorno da filha, em 1960 publicou vários textos de grande relevância sobre o assunto. Essa mãe traduziu alguns trabalhos de Hans Asperger para o Inglês, já que o mesmo era austríaco. Desta forma, ela também descreveu alguns sintomas do autismo, em que discorre sobre o transtorno, com seus diferentes graus e suas diversas manifestações.

Silva (2012, p. 161) destaca que:

[...] o autismo infantil ainda persistia como um subgrupo dentro das psicoses infantis — era considerado uma forma de esquizofrenia —, o que faz com que alguns profissionais ainda usem a denominação errônea de "psicose infantil" para se referir a esses pacientes. Na década de 80, o autismo recebeu um reconhecimento especial, diferente da esquizofrenia, o que propiciou um maior número de estudos científicos, recebendo a denominação diagnóstica correta e com critérios específicos.

O número de crianças diagnosticada com autismo vem aumentando. O diagnóstico está sendo realizado logo nos primeiros anos de vida da criança, conforme destaca Ho e Dias (2013, p. 37);

Os transtornos do espectro do autismo (TEA) são diagnosticados em número cada vez maior e também cada vez mais cedo no Brasil. Pessoas antes nunca

diagnosticadas, diagnosticadas em idade escolar ou já adultas, agora podem ter suas características autísticas detectadas antes dos 18 meses de idade.

No que se refere ao autismo na Lei N° 12.764/2012 no art.1° determina que:

§ 1° Para os efeitos desta Lei, é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos I ou II:

I - Deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II - Padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos. (BRASIL,2012)

Embora o tema venha sendo bastante abordado ainda existe resistência para a realização desse diagnóstico. Como ressalta Brito (2017, p.13) “O diagnóstico não pretende rotular de forma negativa ou sentenciar a pessoa, ao contrário disso, ele auxilia na comunicação entre os profissionais, na busca por direitos, ajuda a nortear as intervenções e a orientar os familiares [...]”. O diagnóstico é muito relevante para o desenvolvimento da pessoa com TEA, porque ele permite que a criança tenha maiores chances de obter melhores resultados com a realização de intervenções que auxiliem no diagnóstico.

Como forma de visibilizar as características e as lutas das pessoas com TEA, dentre ela a relevância do autismo, de acordo com a revista autismo (2019, p. 08):

Em 2007, a ONU declarou todo 2 de abril como Dia Mundial de conscientização do Autismo, quando cartões-postais do mundo todo se iluminam de azul (cor escolhida por haver, em média, 4 homens para cada mulher com TEA). O símbolo do autismo é o quebra-cabeça, que denota sua diversidade e complexidade.

Logo, com o empenho e dedicação de médicos, pesquisadores e familiares de crianças com TEA fez com que o dia 2 de abril fosse dedicado ao dia Mundial da Conscientização do Autismo, por conseguinte, realizando mais uma conquista em relação ao transtorno.

Ao receber o diagnóstico de autismo muitas pessoas se questionam sobre a causa desse transtorno, principalmente os familiares dessas crianças, que tentam por algum motivo justificar algum fator que tenha ocasionado isso.

Sobre as causas do autismo Mello (2001, p. 12) afirma que:

As causas do autismo são desconhecidas. Acredita-se que a origem do autismo esteja em anormalidades em alguma parte do cérebro ainda não definida de forma conclusiva e, provavelmente, de origem genética. Além disso, admite-se que possa ser causado por problemas relacionados a fatos ocorridos durante a gestação ou no momento do parto. (MELLO, 2001, p. 12)

Russo (2019), baseada no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), o Transtorno do Espectro Autista apresenta três graus, que podem ser distinguidos de acordo com os sintomas apresentados pela criança. A seguir apresentaremos cada um deles separados, conforme a autora.

Nível 1 (grau leve), a criança necessita de uma menor assistência. A mesma sente dificuldade em ter uma comunicação com as demais crianças, apresentando algumas dificuldades ao iniciar uma interação, existindo pouco interesse ao se relacionar com as demais pessoas, demonstrando sempre entusiasmo ao um único tema, algo restrito e sempre realizando atividades repetitivas.

Nível 2 (grau moderado), a criança possui um déficit de comunicação mais evidente, tendo uma grande resistência nas mudanças de rotinas, ocorrendo dificuldades na interação com outras crianças, estressando com grande frequência e possuindo dificuldades em manter o foco em algumas atividades.

Nível 3 (grau severo), ele pode ser facilmente notado pelos familiares da criança com TEA, pois esse grau faz com que o autista tenha severos danos acerca da comunicação, seja ela verbal e não-verbal. Os comportamentos repetitivos fazem com que a criança tenha grande prejuízo durante sua vida, havendo dificuldades também nas mudanças de rotinas, estresse elevado e tendo bastante resistência ao socializar com as outras pessoas.

Independente de qual grau a criança se encaixa em todos os casos é necessário um acompanhamento de profissionais da saúde e da educação para que a criança tenha resultados positivos e assim ter uma melhor qualidade de vida.

2.3 O autista no contexto escolar

A escola tem um papel de extrema relevância na vida das pessoas, principalmente naquelas que possui necessidades educativas especiais, conforme a Resolução n.º 4, de 2009:

Art. 1º Para a implementação do Decreto nº 6.571/2008, os sistemas de ensino devem matricular os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes comuns do ensino regular e no Atendimento Educacional Especializado (AEE), ofertado

em salas de recursos multifuncionais ou em centros de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos.

Art. 2º O AEE tem como função complementar ou suplementar a formação do aluno por meio da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem.

O sistema educacional de ensino legalmente garante que os alunos com deficiência sejam matriculados no ensino regular e, na escola eles frequentem no contraturno a sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Assim, o sistema educacional garante que todos os alunos com deficiência, incluindo as crianças com autismo, tenham a oportunidade de uma educação de qualidade. É sabido que cada criança tem sua especificidade e necessita que se trabalhe estratégias que desenvolvam a autonomia e contribuam para a socialização dessas crianças na escola regular.

Segundo Dias (2010):

[...] o atendimento educacional especializado complementar é um direito dos alunos com deficiência e um dever do Estado, em termos da oferta do serviço. [...] apenas o acesso a esse atendimento não garante o exercício desse direito. Portanto, é preciso um empenho coletivo para que o discurso educacional se transforme em práticas coerentes e alinhadas e em resultados qualitativos para os alunos. Só assim estaremos garantindo a educação como direito social, público, subjetivo e ainda prioritário. (DIAS, 2010, p. 136)

Desta maneira, para acontecer o aprendizado da criança autista os professores necessitam de uma formação para auxiliar essas crianças. A esse respeito, Ropoli (2010, p. 30) afirma:

Para atuar no AEE, os professores devem ter formação específica para este exercício, que atenda aos objetivos da educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Nos cursos de formação continuada, de aperfeiçoamento ou de especialização, indicados para essa formação, os professores atualizarão e ampliarão seus conhecimentos em conteúdo específicos do AEE, para melhor atender a seus alunos.

Os docentes que atuam na sala do AEE devem estar aptos para trabalhar com a criança com deficiente, sendo necessário que receba de forma continuada formações que o capacite para desenvolver o aprendizado desses alunos.

Sabe-se que é de grande relevância o acompanhamento da família na educação e desenvolvimento da criança autista. A escola não trabalha sozinha nesse aprendizado e é necessário que os pais do aluno também participem.

Segundo Serra (2010):

Seja qual for a proposta pedagógica, um atendimento consciente e responsável não acontece somente no âmbito escolar. A família do indivíduo com autismo possui um papel decisivo no seu desenvolvimento. Sabemos que se trata de famílias que experimentam dores e decepções em diversas fases da vida, desde o momento da notícia da deficiência e durante o processo de desenvolvimento de seus filhos. (SERRA,2010, p 41)

Independente da necessidade que o aluno apresente é necessário o acompanhamento da família, para que aconteça o crescimento conjunto do processo educacional, social e de comunicação desse aluno. Para isso é fundamental que os familiares da criança com TEA motivem os filhos a permanecer na escola e os auxiliem no que for necessário, trabalhando em casa as atividades recomendadas pelo educador.

A escola possibilita ao aluno com TEA diversos aprendizados promovendo experiências únicas, através das quais as crianças tem a oportunidade de se relacionar com outras pessoas. Conforme Chiote (2013, p. 20):

A inclusão escolar possibilita à criança com Autismo o encontro com outras crianças, cada uma em sua singularidade, o que muitas vezes não acontece em outros espaços pelos quais circula, que frequentemente priorizam um atendimento individual. O espaço escolar possibilita a vivência e as experiências infantis a partir da relação com outras crianças. A escola é o lugar da criança.

Portanto, na escola a criança pode se desenvolver de diversas maneiras, sendo um direito da criança ter acesso à educação, conforme destaca Mantoan (2013, p. 25): “[...] Os alunos com deficiência não são apenas titulares do direito a uma educação “especial”: eles têm direito de estar na mesma escola e sala de aula que todos frequentam”. Desta maneira, as crianças com deficiência têm direito a sala de aula regular assim como os outros alunos que ali estão.

Diante o exposto, como descreve a autora a inclusão acontece quando os alunos que possuem alguma limitação ou deficiência permanecem na sala de aula regular junto com as demais crianças. Ainda sobre o assunto Silva (2012) comenta que é necessário que encontremos recursos e caminhos criativos, com intuito de possibilitar para essas crianças oportunidades de se desenvolverem de forma satisfatória, visto que a instituição fará parte da sua vida durante sua vida durante muito tempo.

Ainda sobre os direitos da criança, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no Art.º 53. Estabelece que:

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - Direito de ser respeitado por seus educadores;

III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores; (BRASIL, 1990)

Desta maneira, o ECA define que todas as crianças tenham direito a uma educação que contribua no seu desenvolvimento e que as escolas devem oferecer condições que facilitem a permanência desses alunos, sem ocorrer nenhum tipo de preconceito por parte dos professores e gestores da devida instituição.

Para isso faz necessário que se realize a inclusão nas escolas, e o início dessa inclusão acontece quando as crianças com TEA têm oportunidades de aprender na sala regular. Conforme destaca a Declaração de Salamanca:

Princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade à todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades. (BRASIL, 1994)

Portanto, a escola inclusiva atende alunos com diversas necessidades, independentemente de qual dificuldade a criança possa vir a apresentar, permitindo que todos aprendam juntas. Para que isso ocorra a escola deve oferecer aos educadores e educandos recursos que auxiliem no processo de ensino e aprendizagem, assegurando uma educação de qualidade para todos.

2.3.1 Métodos

Neste ponto vamos abordar um pouco sobre três métodos que são muito utilizados no trabalho de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA): *Picture Exchange Communication System* (PECS), Tratamento e Educação para Crianças Autistas e com Distúrbios Correlatos da Comunicação (TEACH) e Análise Aplicada do Comportamento (ABA).

O PECS procura desenvolver as habilidades das crianças com TEA. Segundo Vieira (2019) para acontecer uma boa comunicação o método PECS acontece por troca de figuras e visa auxiliar várias crianças que tem alguma dificuldade relacionado a fala. Esse método utiliza figuras relacionadas a ação que o aluno pretende desenvolver. Cada aluno possui uma pasta de comunicação e sempre que possível tem que levar essa pasta de figuras consigo, facilitando a vida dele e dos familiares. Sendo assim, cada vez que o aluno tenha a intenção de praticar uma ação, a criança apresenta uma figura correspondente sem precisar fazer uso da linguagem falada.

Ainda seguindo esta ideia, para melhor entendermos um pouco mais sobre o que significa PECS, Alves (2006) destaca que:

[...] um exemplo de como a criança pode exercer um papel ativo utilizando Velcro ou adesivos para indicar o início, alterações ou final das atividades. Este sistema facilita tanto a comunicação quanto a compreensão, quando se estabelece a associação entre atividades/símbolos. Em contraste com as preocupações dos pais sobre o perigo de que sinais e fotos diminuam a motivação para o desenvolvimento da fala, até agora não há evidência de que isso pode ocorrer. Pelo contrário, aponta-se que, ao focar em normas alternativas de comunicação, as crianças podem ser encorajadas a utilizar a fala. (ALVES,2006, p. 48)

O outro método TEACH é bastante utilizada conforme destaca MELLO (2001, p. 19): “O TEACH se baseia na organização do ambiente físico através de rotinas organizadas em quadros, painéis ou agendas – e sistemas de trabalho, de forma a adaptar o ambiente para tornar mais fácil para a criança compreendê-lo [...]”. Esse método é muito utilizado na educação e tem como um dos seus objetivos trabalhar a comunicação e desenvolver outras habilidades como a socialização e sua autonomia.

Por último, e não menos importante o ABA é um método usado para acompanhar os comportamentos das crianças autistas. É realizado por etapas, fazendo com que as crianças consigam identificar os variados estímulos tornando o aprendizado prazeroso e de grande proveito (MELLO, 2001).

Portanto, esses métodos foram desenvolvidos para auxiliar o processo de aprendizagem das atividades (desde a mais simples a mais complexa) desenvolvidas pela pessoa com TEA, melhorando assim os campos da linguagem da socialização e do comportamento. No entanto, é importante saber e conhecer a personalidade da pessoa com TEA que se vai trabalhar, pois esses métodos podem ser compatíveis com o perfil dessa pessoa. O importante é saber que cada pessoa com TEA traz consigo uma história de vida, cultural e familiar.

3 METODOLOGIA

Foi realizado um estudo de caso de natureza qualitativa, sendo a coleta de dados realizado por meio de entrevistas semiestruturada. Conforme Bogdan e Biklen (1982 *apud* LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.11), “A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.” Portanto, a pesquisa de campo de natureza qualitativa possibilita ao pesquisador ter acesso a riqueza de detalhes oferecida pelo entrevistado de forma direta, pois esse contato proporciona ao pesquisador uma aproximação com a realidade vivenciada pelo sujeito.

Partindo disto, a pesquisa tem como finalidade compreender o autismo por meio de levantamento bibliográfico e estudo de campo e, por conseguinte, foram realizadas três entrevistas, sendo elas: com a mãe de uma criança autista e duas professores com experiências com alunos com TEA, tendo como objetivo o de identificar as estratégias utilizadas na realização do aprendizado das crianças com TEA. Conforme Severino (2016, p. 133) a entrevista consiste em:

[...] coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado. [...] O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam.

Desta forma, o pesquisador através das entrevistas tem à possibilidade de obter diversos aprendizados no decorrer da pesquisa, no qual estará em constantes mudanças. Esse contato é de extrema relevância, permitindo que o pesquisador possa se comunicar com o sujeito entrevistado no âmbito pessoal e sem restrições.

3.1 Caracterização do *locus* da pesquisa

Em decorrência da atual situação na qual estamos enfrentando, uma pandemia resultante pelo Corona Vírus (COVID-19). As entrevistas foram realizadas seguindo os cuidados exigidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS) com o distanciamento recomendado, com o uso de máscara e álcool em gel.

A primeira entrevista foi realizada com a mãe do aluno autista de forma presencial, seguindo os protocolos da saúde. A entrevista é semiestruturada e contém oito perguntas abertas que tem como objetivos implícitos: entender como é o percurso estudantil da criança com TEA no ambiente escolar; averiguar se existe inclusão por parte da escola e quais estratégias a mãe utiliza para efetivar o aprendizado do seu filho, além de verificar que forma a família pode

contribuir no aprendizado da criança autista. Esses objetivos tem a finalidade de complementar os que foram traçados para a realização dessa pesquisa. Vale salientar que a entrevista foi gravada com a autorização dos sujeitos e foi utilizado um celular Xiaomi Redmi Note 9 Pro.

A segunda entrevista foi realizada com uma professora que trabalha com alunos com TEA na sala de aula regular e também na sala do AEE. Ela foi feita pelo aplicativo de WhatsApp, em que o mesmo possibilita que façamos chamadas de voz, envio de mensagens instantâneas, mensagens de textos, e também permite que possamos enviar vídeos, imagens e compartilhar documentos, além de oferecer realização de ligações por vídeo e voz. A entrevista contém sete perguntas abertas e a professora escolheu responder por escrito e encaminhou de volta as respostas em formato de texto.

A terceira e última entrevista foi realizada com uma professora da sala de aula regular que também trabalha com alunos com TEA e outras especificidades. Sendo realizada pelo Google Meet: é uma ferramenta de comunicação que favorece a realização de videochamadas no qual permite que as pessoas possam se comunicar em tempo real. Foi enviado para a professora um link pelo aplicativo de WhatsApp em que dá acesso a chamada de vídeo e em seguida foi solicitado a permissão para a realização da gravação da entrevista pelo Google Meet e, por segurança, foi realizado a gravação pelo celular Xiaomi Redmi Note 9 Pro. O roteiro da entrevista utilizado foi o mesmo da professora anterior. As entrevistas foram gravadas no intuito de manter a fidelidade as falas dos sujeitos e posteriormente transcritas.

Foi enviado e entregue antecipadamente para as três entrevistadas o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), no qual elas concederam a autorização para a realização da entrevista.

3.2 Sujeito da pesquisa

Para a realização da entrevista foram convidadas três pessoas por conveniência, que residem na cidade de Sousa - PB, que tem contato direto com crianças autistas e por estarem em conformidade com os objetivos do trabalho. Esses sujeitos são: uma mãe e duas docentes da rede pública, sendo uma servidora do Estado da Paraíba e outra do município de Sousa.

A primeira entrevista foi realizada com a mãe de uma criança com TEA, sendo ela casada, com a idade de 40 anos, graduada em Pedagogia, pós em Psicopedagogia e MBA (*Master of Business Administration*) em gestão de pessoas, coordenadora de uma escola do Estado da Paraíba e professora da Educação para Jovens e Adultos (EJA) ciclo 2. Seu filho tem oito anos de idade, cursa o terceiro ano do ensino fundamental I, na mesma escola em que a

mãe trabalha e o mesmo participa das aulas em uma sala de aula regular pela manhã e no período da tarde na sala de AEE.

A segunda entrevista foi realizada com uma docente com idade de 53 anos, solteira. A mesma leciona pela manhã numa escola do município e no período da tarde na sala de recursos do AEE de uma escola do estado, com formação em Pedagogia e especialização em Psicopedagogia. A docente tem 20 anos de serviços dedicados a educação. Ela devido trabalhar com crianças com TEA e outras deficiências demonstra ter experiência na área da inclusão, assim sendo de grande relevância para a realização desta monografia.

O último sujeito é uma docente com a idade de 46 anos, casada, formada em Pedagogia, especialização em Educação Infantil e aluna do curso de Neuropsicoaprendizagem. A docente já trabalhou em escola particular, foi professora em uma faculdade e hoje leciona numa escola do município de Sousa na educação infantil. A mesma sempre trabalhou com alunos com TEA e outras especificidades e hoje em sua sala de aula regular trabalha com uma aluna autista e tem 21 anos de serviços prestado a educação.

Para manter o sigilo e o anonimato das entrevistadas foi utilizado os nomes fictícios dos personagens da Turma da Mônica, que são histórias em quadrinhos bastante conhecidas. O criador se chama Mauricio de Sousa responsável pela produção dos desenhos animados. A escolha foi feita pelo fato de que Mauricio de Sousa em suas publicações conta a história de uma criança chamado André, em que o mesmo tem o transtorno no espectro autista.

Em suas histórias Mauricio relata alguns comportamentos da criança com TEA de uma forma divertida e inclusiva. Por esse motivo a mãe da criança com TEA foi denominada de André e seu filho pelo nome de Mauricio. A docente que trabalha na sala regular e no AEE por nome de Mônica e por último a docente que trabalha na sala de aula regular por nome de Magali.

3.3 Entrevista

A entrevista permite que o pesquisador e o pesquisado crie uma relação de interação, em que naturalmente surgirão informações proporcionando ao pesquisador resultados que contribuirá com o objetivo da pesquisa. De acordo Ludke e André (1986, p. 33),

De início, é importante atentar para o caráter de interação que permeia a entrevista. Mais do que outros instrumentos de pesquisa, que em geral estabelecem uma relação hierárquica entre o pesquisador e o pesquisado, como na observação unidirecional, por exemplo, ou na aplicação de questionários ou de técnicas projetivas na entrevista a relação que se cria é interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde [...].

Desta forma, os dados foram coletados por meio de uma entrevista semiestruturada, sendo gravadas e em seguida transcrita no intuito de facilitar a análise dos dados e de manter a fidelidade a fala dos sujeitos.

3.4 Procedimento ético da pesquisa

A pesquisa procurou seguir os procedimentos recomendados pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), como por exemplo, manter o anonimato dos participantes, a garantia de que eles não vão ter nenhum prejuízo financeiro, físico ou psicológico e que sua participação é voluntária podendo se retirar da pesquisa a qualquer momento. Para tanto foi apresentado ao participante antes da entrevista o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Esse documento tem como finalidade oferecer as informações necessárias e éticas da pesquisa de forma clara e objetiva para os participantes que fizeram parte do estudo. Ele está embasado na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que tem a função consultiva, deliberativa e normativa com relação as pesquisas envolvendo seres humanos.

4 ANALISE DE DADOS

O número de crianças diagnosticadas com TEA vem crescendo cada vez mais, ainda não se sabe o que causa esse transtorno. Bosa (2002, p. 37) esclarece que “O autismo é uma síndrome intrigante porque desafia nosso conhecimento sobre a natureza humana [...] estudar o autismo é ter nas mãos um “laboratório natural” [...]”. Existe vários tipos de estudos e pesquisas para entender o autismo e conseqüentemente auxiliar as crianças com TEA em suas limitações, desde então a ciência tem contribuído bastante na realização do diagnóstico e intervenção, no qual sabemos que quanto mais cedo for realizado o diagnóstico melhor será o desenvolvimento dessa criança.

Conforme Paniagua (2007) a família ao receber o diagnóstico de uma pessoa que tem uma deficiência ou transtorno demonstra ter uma certa resistência, devido perceber que a vida de seu filho terá um desenvolvimento diferente das demais crianças e, isso de certa forma, constitui um sofrimento profundo comparável ao luto de um ente querido. Por isso é essencial o acompanhamento da família para o desenvolvimento e socialização dessa criança. Infelizmente nem sempre os pais conseguem aceitar inicialmente o diagnóstico, desta forma, prejudicando o avanço da criança, que conforme a autora “[...] cria-se um bloqueio, um atordoamento geral, que inclusive pode impedir a compreensão das mensagens que estão sendo recebidas” (PANIAGUA, 2007, p. 334).

Sabe-se que que uma das principais dificuldades destas crianças é a interação social e dificuldade na comunicação. A criança com TEA tem uma forte característica de isolamento, mesmo encontrando-se na companhia de outras crianças de sua mesma idade. A criança que sofre de autismo tem uma grande dificuldade para falar, para se comunicar e em alguns casos não conseguindo realizar simples gestos.

Para compreender a vivência da criança com TEA na escola foi realizado uma entrevista com uma mãe e duas docentes que tem o contato direto com ela, conforme será relatado a seguir.

4.1. O TEA na perspectiva de uma mãe e docentes que tem contato com crianças autistas.

Para obtermos uma melhor qualidade na compreensão do autismo foram realizadas entrevistas semiestruturadas com uma mãe de uma criança autista e duas professores com experiências com alunos com TEA, tendo como objetivo geral: compreender os desafios e possibilidades para um trabalho com a criança autista.

Observamos durante a pesquisa as discussões sobre o conceito de autismo, sob o olhar de autores, além de várias pesquisas e estudos. Desta forma, senti a necessidade de conhecer

através das entrevistas o olhar desses sujeitos sobre o entendimento do transtorno, considerando que as mesmas tem contato direto com a criança com TEA.

Foi perguntado aos entrevistados o que eles entendem sobre o Transtorno do Espectro Autista, a primeira entrevistada a professora do AEE Mônica (2021) afirma que: “Compreendo o Autismo como um transtorno que afeta o sistema nervoso, prejudicando o desenvolvimento das habilidades de comunicação e interação com o meio social”. A segunda entrevistada a professora da sala regular Magali (2021) explica que: “É um transtorno, que dificulta a aprendizagem das crianças, que deixa tardio, muitas vezes a criança nem aprende. É um transtorno de comunicação, transtorno de socialização, transtorno motor também. É um transtorno que limita a criança”. A mãe da criança autista André (2021) destaca o autismo como:

O Transtorno do espectro autista ele funciona desse jeito: é como se fosse uma disfunção do padrão de comportamento, mudança social, mudança na linguagem, mudança no comportamento, em todos os aspectos reais e sociais e vivíveis, vivenciados por nós. É sério o problema do autismo, e ele fica bem evidente. Agora você só percebe se você tiver realmente o conhecimento do que é o autismo, se não entender não vai nem perceber nem nada, vai passar, como se fosse uma mera brincadeira, uma mera traquinagem, menino danado, é o que a gente conhece hoje, como o menino danado. O que evidencia mais é a ausência da fala, é aonde você começa a perceber que por trás da ausência da fala tem mais coisas. (ANDRÉ,2021)

Diante das repostas das entrevistadas podemos perceber que as professoras apresentaram um conceito resumido sobre o autismo, enquanto a mãe discorre de maneira mais aprofundada sobre o tema.

Na fala de André (2021) observamos com maior intensidade sobre o entendimento do assunto. Inferimos que isso se deu devido a mãe ter uma convivência diária com a criança com TEA. Devido a filiação e a instrução da mãe ela procurou se aprofundar mais sobre o tema na perspectiva de melhor conhecer o seu filho.

Dando continuidade ao assunto, foi questionado as professoras se as mesmas já tiveram ou tem alunos que sofrem desse transtorno, Mônica (2021) apenas respondeu que “sim”. Ao realizar a mesma pergunta a Magali (2021) ela respondeu que:

Sim! Tenho uma criança considerado severo inclusive, mas como a gente está online eu recebi ela esse ano, conheço porque o ano passado ela foi aluna de uma colega da escola e esse ano ela está na minha turma [...] Só do que eu observei do ano passado, que é uma criança bem severa, uma criança que precisa de muita atenção, muito cuidado, mais já tive nos anos anteriores, tive crianças com TEA [...] Mais o tipo era leve, a criança falava, se comunicava, mais era uma criança introspectiva, uma criança que gostava muito de brincar, empilhando os objetos, ou por cor, por formato, se isolava num cantinho, não queria muito convívio com os outros e tive esse e tive um que não falava de jeito nenhum, não se comunicava de jeito nenhum, ficava sentadinho

quietinho, não era uma criança “trabalhosa” mais era uma criança que era muito introspectiva, dentro do mudinho dela, era muito difícil trabalhar [...]. (MAGALI, 2021)

Como podemos observar na resposta da professora Mônica, a mesma sempre teve um convívio com crianças com TEA, e a profissional relata ter casos na sua sala de aula em que um aluno autista conseguia se comunicar com todos e em outro caso o aluno apresentava uma maior dificuldade ao se relacionar com os colegas e sempre se mantinha isolado devido ter autismo severo.

O acesso de crianças autistas nas escolas vem aumentando gradualmente, desta forma, os docentes podem a qualquer momento ter em sua sala de aula um aluno com TEA. Logo, é importante que os docentes tenham na sua formação profissional conteúdos voltados para o estudo do TEA, entre outras deficiências. É importante que as escolas públicas e particulares promovam formações voltadas para a educação inclusiva.

4.2 Formação para trabalhar com alunos com TEA

Ao pensarmos em trabalhar com crianças que possui alguma necessidade especial, sabemos que é necessário desenvolver determinadas habilidades tais como a paciência (saber esperar o momento de aprendizagem da criança com TEA) e um certo grau de sensibilidade para poder compreender melhor a pessoa com quem estamos lidando.

Para fazer um acompanhamento mais aprofundado como o aluno com TEA é necessário desenvolver estratégias diversificadas; um espaço físico que seja acessível para todos; apoio da família e principalmente uma qualificação e capacitação continuada, para assim promover a inclusão com práticas pedagógicas que facilite o aprendizado dessas crianças e que possa garantir melhores condições de ensino. Rosa et al (2017) a partir de estudos realizados por Jesus (2006) apresenta o perfil do professor que atua na educação com o autista, apresenta as seguintes características:

É fundamental trabalhar com os profissionais da educação, de maneira que eles sejam capazes de compreender as próprias práticas e de refletir sobre as mesmas, sendo assim a qualificação do professor está diretamente ligada à qualificação do atendimento aos alunos com necessidades educacionais específicas. É nesse sentido que é atribuído a importância em pensar na formação desses profissionais, para que sejam capazes de criar ambientes educativos que atendam os diferentes e mais diversificados percursos de escolarização e desenvolver práticas pedagógicas com os alunos com necessidades educacionais especiais em uma escola comum, sendo esta inclusiva.

A partir desse entendimento foi perguntando aos sujeitos entrevistados se existe por parte da secretaria de educação ou até mesmo da escola formações para os professores trabalhar com alunos autistas. Mônica (2021) afirma que “Existe, mas torna-se insuficiente, frente a necessidade que o professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE), tem de estar buscando novas informações para melhor acompanhar o seu aluno”.

Foi realizado o mesmo questionamento a Magali e André e elas responderam que:

Formação só se a escola promover ou ela vier externa por parte da secretaria de educação do estado ou do município ou da escola particular onde a criança esteja. Se for do interesse do professor ou da escola o próprio coordenador fomenta isso na escola, então não tem essa formação específica ao não ser que a gente corra; se eu quero eu vou correr atrás, a professora da sala de AEE ela recebe formação constante, mas o professor da sala regular não, porque sempre tem essa dificuldade: quem vai ficar com o aluno? Vai deixar vinte alunos sem aula para ir para uma formação, embora seja necessário e urgente, ai quem faz essas formações no estado é a própria FUNAD [Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência]. É a FUNAD quem promove. É a FUNAD que dá as carteirinhas das pessoas com deficiência é ela quem manda uma equipe para a gerência, mas a escola tem que fazer um ofício solicitando essa formação, que quer e que tem esse público lá e que precisa. (ANDRÉ, 2021)

Eu hoje estou nessa especialização porque eu senti, minha pessoa, senti a necessidade de buscar aprender, de buscar conhecimentos que me leve a estratégias que desenvolva essas crianças [...] então eu tenho que ter os conhecimentos necessário para isso, então onde eu vou buscar uma especialização com os professores, com pessoas que são da área da saúde, psicólogos, a gente tem que buscar esse tipo de conhecimento, só que nem todo professor tem esse pensamento, vou buscar entender isso aqui vou melhorar [...] Quando você ver partir alguma coisa da secretaria essas formações né do professor, eu sempre brinco né, digo meu Deus qual será a deformação desse mês? Porque vão dizer ah tem formação, vichi vai ter uma deformação, porque eu chamo eu brinco uma deformação? Porque muitas vezes eles trazem coisas que não tem necessidade naquele momento e saber, não tem necessidade porque muitas vezes a gente já sabe é para martelar a mesma tecla, os conteúdos que poderia ser deixado de lado e buscar o que realmente importa, não tem uma formação com relação ao atendimento da criança com autismo, a criança com TDAH, a gente não tem uma formação assim, não tem de jeito nenhum, quando falam é dois minutinho, bota lá dentro ,joga lá dentro de outros temas, desse tantinho de coisa um tempinho mínimo, para a gente conversar sobre autismo [...] Tem muita formação, mais o que realmente deveria ter sobre a inclusão, sentar na cadeira e dizer olhe isso aqui vamos estudar isso aqui, vamos buscar pratica, vamos fazer oficinas [...]. (MAGALI,2021)

Podemos analisar que diante das três respostas fica evidente que a formação para os professores da sala regular é quase nula, que essas formações normalmente são direcionadas para os profissionais da sala de recursos e sempre sendo insuficiente em relação a demanda das necessidades dos alunos.

Observarmos também nas falas das entrevistadas que quando se é realizado formações a professora não se pode fazer presente por não ter outro profissional que a substitua durante suas aulas. Oliveira (2012) comenta sobre as dificuldades desses docentes para se fazer presente nessas formações:

[...] professoras pagam para poder sair da escola e se dirigir ao local do curso. Alarmante é a situação apresentada por algumas professoras que afirmam não participar dos cursos, apesar do anseio, pelo fato de não conseguirem pagar professoras substitutas, pois o tempo de substituição seria de 5 dias; algumas precisariam pagar professoras substitutas durante mais de um período diário. A nossa questão é: até que ponto a participação do professor é valorizada se ele precisa pagar para poder sair da escola e participar de um curso/estudar? (OLIVEIRA, 2012. p. 93-94)

São diversas as situações nas quais dificulta a participação desses professores diante de uma formação. Na fala de Oliveira (2012) percebemos o quanto ele destaca as dificuldades enfrentadas pelo professor para investir na sua formação. Na fala de Magali identificamos a necessidade da professora de se especializar, devido a mesma perceber as dificuldades para trabalhar com seus alunos e que não receberia nenhum subsídio por parte da escola ou da secretaria de educação. Desta forma, decidiu se especializar para trabalhar com a criança com TEA.

Portanto, é necessário que tenha interesse por parte da escola, da secretaria de educação e também do docente a promoção de uma formação continuada na área do TEA, para que assim seja realizado um melhor trabalho com as crianças que possuem alguma necessidade especial.

4.3. Dificuldades e estratégias utilizadas no processo de aprendizagem da criança com TEA

Seguindo esta perspectiva, é necessário identificar as necessidades e desafios dos alunos que apresentam qualquer dificuldade que envolva a aprendizagem dos discentes, para acontecer o aprendizado dos mesmos. Russo (2019) explica que o desenvolvimento das crianças com autismo é individual. Que uma criança com TEA pode ter uma limitação na fala, mas pode desenvolver autonomia na sua rotina. Apesar de apresentar dificuldades em várias áreas, como por exemplo, na socialização e na linguagem, a criança com TEA pode se desenvolver e aprender a partir de atividades orientadas e, assim, ter uma vida ativa na sociedade.

Desta forma, foi perguntado a mãe e as duas professoras quais as dificuldades apresentadas pela criança com autismo no processo de aprendizagem e quais estratégias aplicadas por elas. Mônica (2021) respondeu que “A adequação das atividades para melhor assistir a criança portadora de TEA”. A segunda professora e a mãe respondem que:

Depende da criança né. Porquê depende do grau, porque tem criança que a maior dificuldade é estar com outras crianças, tem criança que não suporta ouvir o barulho dos outros, esse meu lá ele ficava louco com muito barulho tinha que falar baixinho e principalmente quando eu falava com ele [...] então uma dessas dificuldades é estar no meio dessas crianças, é o barulho da sala o que mais que impossibilita. É não conseguir mesmo sentar, se concentrar, não ter uma coisa atrativa que chame a atenção, tem criança que só para quando você leva uma coisa diferente [...] tem várias coisas que impossibilita e principalmente o que mais impossibilita a criança com TEA de se desenvolver é o olhar do professor e o olhar da família, fora o apoio de escola e todos que fazem educação, isso impossibilita muito também [...]. (MAGALI,2021)

A maior dificuldade hoje é ler, ler, ele não se apropria do alfabeto, ele não se apropria das vogais, eu vou tentar agora num quadro branco trabalhar com Mauricio, porque Mauricio ele ainda não tem coordenação motora, Mauricio vai cortar um papel ele corta torto, é como se a mão não tivesse firmeza na hora de cortar, na hora de pegar no lápis é um pouco, você percebe que não tem força, que é desajeitado, mais pega, e outra coisa não gosta de lápis grafite, só gosta de concreto, é guache é cera, lápis porosa é o que eu uso para trabalhar, e cola, gosta de cola, ele gosta de recorte, ele só ver uma coisa uma vez [...]. (ANDRÉ, 2021)

Sobre as estratégias usadas para realizar o aprendizado dessas crianças Mônica comenta que:

Procuro conhecer o aluno e suas necessidades para assim desenvolver estratégias que levem em consideração as limitações do aluno, de maneira que o aluno sinta-se integralizado ao meio social e escolar. Desenvolvo atividades lúdicas, concretas, corte e colagem, entre outras, que têm por finalidade desenvolver a percepção do aluno a noções básicas de identificação e desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. (MÔNICA,2021)

Magali (2021) diz que desenvolve muitas brincadeiras, jogos e principalmente contação de história. Que na contação tem a oportunidade de se fantasiar e sentar no chão com as crianças, permitindo com que os alunos se envolvam, colocando-as para protagonizar a história: narra junto com os alunos, fazendo com que eles interajam e compreenda o que ela está pronunciando. A professora também trabalha com jogos de encaixe, quebra-cabeças, bloquinho com cores e elabora atividades com a musicalidade, sendo de escolha dos alunos a música.

Seguimos com a mesma questão no qual André (2021) apresenta suas estratégias:

Os métodos que eu utilizo são: figuras, imagens, então Pedro não vai escrever, mas Mauricio vai falar, Mauricio hoje fala, veio falar com quatro anos, então assim, o que a gente faz? Eu posso pegar um método as trilhas, não sei se você já viu, as trilhas na alfabetização, trilhas online, que é um projeto de leitura [...] peguei aquelas figurinhas, aquelas imagens meninas de todo jeito, animais, eu fui no foco. Mauricio adora dinossauro, então comecei a trabalhar com o dinossauro primeiro, perguntando: é carnívoro? é herbívoro? o que é

carnívoro? Ele come o quê? Ele fala? Ele tem pé? Como é o pé? Desenhe aqui, faça aqui o risco do pé. Então a gente foi instigando Mauricio a falar as coisas que tinha na gente, o negócio é ter material concreto, o material manipulável para pegar, para sentir, para melar e para falar. Se ele falar é aprendizado, se ele citar alguma coisa é aprendizado, se ele disser eu não quero, eu não consigo, parou ali a atividade, então você começa primeiro no que ele gosta, para depois você colocar uma coisa que você queira que ele faça, aí você consegue, não dá para trabalhar com ele batendo de frente, primeiro insistindo no que eu quero primeiro, para depois ser a dele, primeiro é o que ele quer fazer, a proposta, mais você dá a condição, você vai fazer o que você quer e depois é a minha, falar seguro e usar um Não, não pode! Não, não, o não tem que prevalecer. Então aí parece com o método ABA, mas eu só vi isso aqui esse método, que estou fazendo, que é pessoal, que eu faço, em terapia ocupacional na psicopedagoga, com a sala de AEE e com a psicóloga. Na sala regular eu desconheço ainda, o estudo e o trabalho. (ANDRÉ, 2021)

Ao analisarmos as falas das entrevistadas podemos perceber diferentes estratégias utilizadas por elas, vale salientar o quão é relevante antes de aplicar um determinado método conhecer a criança, identificar suas limitações e habilidades, por conseguinte, desenvolver técnicas de ensino realizando o avanço e desempenho da criança com TEA. Como ressalta Silva e Balbino (2015):

[...] O professor pode fazer uso de métodos visuais devido ao fato de algumas crianças com TEA terem uma maior dificuldade com relação à abstração, mas muitas quando estimuladas de uma forma correta conseguem realizar suas lições, o docente precisa estar atento à questão da estimulação auditiva, e entender que em algumas atividades as crianças podem não saber o que fazer ou como continuá-las, cabe o docente lembrá-las como é a atividade e participar ativamente com os mesmos porque o exemplo, é uma das melhores formas de aprendizagem. (SILVA E BALBINO, 2015, p.02)

Portanto é necessário identificar a necessidade da criança, para então realizar metodologias de ensino que proporcione a criança melhores resultados. Seguindo esse contexto Marqui (2020) comenta que as habilidades de cada pessoa são únicas e a aprendizagem também, existindo dificuldades e interesses singulares. Assim sendo, há um modo particular de desenvolver a aprendizagem e de enfrentar os desafios, uma vez que o diagnóstico é o mesmo, mas cada autista manifesta diferentes características, com diversos níveis de intensidade.

4.4 A importância do acompanhamento da família no aprendizado da criança com TEA

Cruz, Pereira, Ferreira e Ribeiro (2010), destaca que com o amparo e assistência da família permitir que a criança com TEA tenha um melhor desenvolvimento na escola e em sua vida social. Além disso, os pais podem contribuir na intervenção e sucesso no desenvolvimento da aprendizagem da criança. Com esse acompanhamento a criança passa a realizar em casa o

que foi aprendido na escola, com isso os avanços e resultados faz com que o aluno tenha uma melhoria e progresso bastante positivo, sendo de suma importância a assistência da família junto à escola.

Conhecendo a relevância da família frente ao aprendizado da criança autista, foi indagado a mãe, como foi receber a notícia que seu filho é autista e qual foi o seu primeiro passo para trabalhar o aprendizado dele. André (2021) relata que outras mães de crianças autistas diziam de forma direta que seu filho era autista, que logo no início não conseguia aceitar que isso pudesse ser verdade, em seguida foi pesquisar sobre o transtorno, identificar as características e entender o que seria o autismo.

Logo após tanto pesquisar e estudar sobre o assunto a mãe resolveu marcar uma consulta com um Neuropediatra. Chegando o dia da consulta o médico realizou testes com a criança: chamando a criança pelo nome, observando os comportamentos e todas as características que seu filho realizava durante a consulta. Em seguida o médico disse que a criança era autista, sendo de grau moderado e que se ela não desenvolvesse atividades com ele o grau poderia ficar severo. O médico também deu ênfase de que com o acompanhamento e apoio da mãe a criança poderia ter inúmeros avanços em relação ao transtorno.

Seguindo as perguntas referente ao procedimento que a mãe realizou após receber o diagnóstico relata que:

[...] Além do autismo ele tem TDAH [Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade] que é o déficit de atenção e hiperatividade, então Mauricio ainda não senta na sala de aula para aprender. Mauricio não é alfabetizado, o campo de Mauricio é visão, é percepção, é tato... então Mauricio aprende com isso, e com tecnologia. Hoje Mauricio melhorou a fala e frequenta o centro de reabilitação, desde da inauguração do centro, já passou pelo CAPS [Centro de Atenção Psicossocial] também [...] faz a consciência fonológica [...]. (ANDRÉ,2021)

Ao analisarmos a fala da mãe podemos observar o quão é difícil aceitar o diagnóstico, mais que quando os pais fazem esse acompanhamento com a criança a mesma vai tendo sucesso em relação as suas dificuldades. André relata que após o diagnóstico conduziu a criança para especialistas que pudessem desenvolver as habilidades e dificuldades de seu filho.

Para melhor compreendermos a questão família e escola foi perguntado aos professores se é relevante o acompanhamento da família e como os pais podem contribuir no aprendizado da criança com TEA, logo, as docentes responderam que:

É de suma importância que haja a parceria família e professor, para assim facilitar o processo de ensino-aprendizagem da criança portadora de TEA. Sendo mais presente nas atividades, tanto escolares, quanto do dia a dia, bem como realizando o acompanhamento adequado aos profissionais que assistem ao aluno no seu desenvolvimento. (MÔNICA,2021)

[...] O professor não faz nada só. É uma parceria que tem que acontecer pais e escola, pais e professores, então quando um pai, uma mãe é mais acessível, mais compreensível, quando ela está mais presente, o avanço da criança é bem mais rápido e a gente percebe esse avanço. Quando a mãe não tem esse olhar assim, porque tem mãe que realmente nem aceita que a criança tenha aquela limitação, não busca, se acomoda. Não, porque é assim mesmo, nasceu assim e vai ser assim até morrer. Não busca essa ajuda e não participa de nada da vida escolar da criança [...]. (MAGALI,2021)

Dando continuidade as falas das docentes, referente ao auxílio que a família pode oferecer no avanço da criança que possui alguma limitação, Magali conta que os pais podem auxiliar as crianças de várias formas, sendo elas:

[...] Acompanhando em casa, levando a terapia, buscando a terapia, se não tem diagnostico, buscando esse diagnostico [...] Sempre em comunicação com o professor, contando com o professor. Muitas coisas que a gente trabalha em sala de aula, algumas estratégias que a gente faz com jogos de montar, quebra-cabeça, pintura, corte, dobradura, muita coisa que a gente trabalha pode ser trabalhado em casa, tem mãe que são excelentes, elas fazem tudo que a gente orienta, mas tem mães, que diz não tenho tempo, não posso, eu sou sozinha, aí complica [...] (MAGALI,2021)

Diante disso, podemos constatar a relevância da família no desenvolvimento e aprendizado da criança autista. Que a família em parceria com a escola permite que os resultados sejam positivos, que ambos trabalhando juntos podem oferecer a criança a oportunidade de diversos avanços.

De acordo com Antunes (2008, p. 81-82) “É essencial que exista uma ampla e farta troca de informações entre a escola e os pais, em que cada lado dessa ajuda saiba o que está fazendo”. Antunes (2008) ainda destaca que a criança precisa de pessoas que possam reforçar a sua confiança como os professores, pais e equipe escolar. Ao realizar ações que auxiliem essas crianças em suas necessidades e desafios, essas pessoas proporcionarão a oportunidade de desenvolver as habilidades dessa população, e assim, trabalharão suas limitações e necessidades, estimulando também seu desenvolvimento social e comunicativo.

São inúmeros os desafios enfrentados por qualquer pessoa que possua alguma necessidade especial, não sendo diferente para as crianças que tem TEA. Sabendo que são diversos os desafios, entre eles o preconceito, desta forma, conversei com a mãe da criança para saber se seu filho já tinha sofrido algum tipo de preconceito por parte da escola, ela afirma que:

[...] Preconceito é só o que tem, porque é o afastamento das outras crianças, a falta de conhecimento. Porque a criança não é preconceituosa, a criança não nasce preconceituosa, quem coloca o preconceito, quem inculca na cabeças deles é os pais. Os adultos não sabem o que é e chama logo de doido [...] este

tipo de situação existe e é uma constante, se você não tiver resiliência, no início de tudo, eu chorava, eu não era forte, eu chorava, na escola doí, a gente estando perto doí [...] (ANDRÉ,2021)

Na fala de André podemos identificar como ela passa por situações dolorosas em que seu filho é tratado como uma criança sem nenhum sentimento, “um doido”, com indiferença e desrespeito, percebe-se também o quanto a criança com TEA é discriminada. Ainda seguindo com o preconceito na fala de André ela afirma:

[...] Lá na escola ele foi convidado a se retirar na semana da pessoa com deficiência, que eu pagava uma carteirinha para isso, para ajudar os projetos da escola. Quando era na hora dele participar ele era convidado a ficar em casa, e a gestora também sugeriu a afastar, colocar numa sala de aula diferente dos demais, porque disse que ele não aprendia, ele não tinha aprendizagem [...] Enquanto eu for viva eu vou puxar, mais o que a gente quer numa criança com autismo é que ela tenha autonomia, que ela aprenda a viver sem a gente, é essa a vontade que eu tenho, o desejo que eu tenho, e que as outras escolas elas sejam mais acolhedora e as professoras também [...] (ANDRÉ,2021)

Fica perceptível na fala da mãe o quanto ela como o seu o filho vivenciaram várias situações de preconceito e exclusão por parte das escolas e professores. A escola deveria acolher esse aluno e trabalhar a educação e a inclusão, muitas vezes exclui e trata com indiferença a criança que sofre do Transtorno do Espectro Autista. Então, conseqüentemente, percebemos o quanto é desafiador para a família e para a criança enfrentar todas essas situações, por uma única coisa: direito a educação.

Segundo Rodrigues (2006) a inclusão é fundamental quando destacamos que a educação é direito de todas as pessoas que compõem a sociedade, no qual garante que todos tenham acesso a serviços essenciais como: educação, lazer, saúde dentre outros. Quando uma pessoa é discriminada ou restrita por esses serviços, a inclusão permite que elas não sejam excluídas desses níveis e possibilita ao indivíduo condições melhores para que todos possam desfrutar dos seus direitos.

4.5 Inclusão na percepção dos entrevistados

Para que se possa acontecer o processo de inclusão é necessário e fundamental que todos trabalhem em conjunto: a escola, família, comunidade e a sociedade em geral, para que as leis sejam cumpridas e todas as pessoas tenham acesso à educação. Uma vez que essas leis sejam efetivadas o aluno terá a oportunidade de ter acesso a uma educação que respeite suas necessidades.

Foi perguntado as três entrevistadas se na opinião delas a escola é inclusiva, se realiza a inclusão, visto que tanto as docentes quanto a mãe da criança com TEA tem uma vasta experiência acumulada por trabalhar em algumas escolas da cidade de Sousa-PB. Diante a pergunta Mônica (2021) respondeu que: “Não, pois em alguns casos há preconceito tanto por parte dos pais, quanto de alguns profissionais do corpo docente escolar que não consegue tratar o aluno levando em consideração as suas necessidades específicas”.

A segunda entrevistada disse que:

A minha não é! E de modo geral não é. Não é de jeito nenhum, porque enquanto tem dois, três professores que se preocupam, que querem trabalhar com essas crianças da forma adequada, de forma que elas se desenvolvam, tem outros tanto que não estão nem aí. Diz: porque esse aí não, esse menino não aprende mesmo, deixe ele ali, tem muitos assim. Infelizmente tem, no geral desde do portão; desde da entrada da criança na escola; desde da pessoa que fica no portão; a pessoa que fica na cantina, ao professor, ao diretor, ao supervisor. Não é inclusiva de jeito nenhum, se disser que é está mentindo, não é! (MAGALI,2021)

Diante o exposto, observamos que na fala de Mônica e Magali existe um certo preconceito pedagógico por parte desses profissionais da educação, devido ao fato de apontarem a aprendizagem como problema, dando ênfase as dificuldades e limitações dos alunos com TEA. Silva e Martins (2012) comentam:

Considerando a complexidade da Educação Inclusiva e a necessidade de atendimento à diversidade escolar, faz-se necessário rever o processo de formação inicial dos professores para que se possa ampliar as discussões nessa área de atuação, e para que os profissionais sejam mais bem preparados para atuar no contexto da pluralidade e diversidade escolar, bem como investir em um processo de formação permanente. (SILVA E MARTINS, 2012, p. 142)

Assim sendo, a educação inclusiva engloba pessoas com deficiência que precisam de uma atenção especializada, que atenda conforme as suas limitações e junto a essa diversidade é necessário que os profissionais da escola estejam preparados para receber essas crianças, para que o aluno se sinta bem acolhido no ambiente escolar.

A terceira entrevistada nos responde de modo semelhante as docentes, André destaca que:

A escola ainda não é inclusiva. Em lugar nenhum. A inclusão ela só fica no papel, as frases que muitas vezes a gente diz no dia-a-dia parece que as professoras, os pais, os funcionários nem se tocam que tem uma mãe ali do lado, que é deficiente, é aquela frase mal colocada na hora errada. Deus me livre, ave maria, falta de educação, eu não consigo, ele não aprende, não! Eu não quero jamais trabalhar com um menino desse, isto é um capeta [...] é chamar a realidade, chamar os freis, e perguntar se quer ser enquadrado na Lei

Berenice Piana, porque é uma falta de respeito para quem está perto, para quem está ouvindo, se diz com uma criança que não é meu filho, está dizendo com o meu. Porque a gente se sente que é mãe, não existe inclusão, inclusão é só no papel. Há pessoas que tem o desejo de incluir aí o sistema não deixa, bota um bocado de barreiras e há pessoas que realmente não nasceram nem para ser gente. (ANDRÉ,2021)

Observa-se na fala das entrevistadas que a inclusão não acontece na escola, pois existe preconceito por parte dos profissionais da educação e da família dos alunos. Que elas apontam que existe apenas um número limitado de professores que estão preparados para lidar com o aluno com TEA e, são os mesmos que lutam pela inclusão.

Segundo Magali (2021) um dos obstáculos que mais prejudica a aprendizagem na escola que ela leciona é a falta de uma monitora para auxiliar a docente com a criança autista, pois essa criança precisa de acompanhamento mais personalizado devido não conseguir realizar as atividades por conta própria e pelo quantitativo de alunos da sala de aula. A entrevistada também chamou atenção pelo fato de a instituição não possuir uma sala de AEE e não ter recursos suficientes para melhor atender essas crianças. A docente confecciona os próprios materiais para auxiliar na aprendizagem dos seus alunos.

A fala das entrevistadas nos mostram através de suas experiências que a inclusão não acontece nas escolas que elas têm acesso. O preconceito está presente até mesmo nos educadores, ficando perceptível que existe um despreparo dos profissionais nas escolas, além da falta de recursos.

Segundo Ferreira (2006) para a construção da cidadania a escola é uma instituição crucial como modelo ao celebrar culturas com inúmeras diversidades, sendo inclusivas e não alimentando nenhum desrespeito ou discriminação por qualquer classe social.

A escola é um dos elementos fundamentais para esse caminho de inclusão, não podendo permitir que aconteça preconceito com seus alunos, principalmente por parte desses profissionais. Pelo contrário, a escola deve acolher qualquer criança que, por algum motivo, foi excluída pela sociedade, seja por causa da religião, cultura, cor ou deficiência. (BRASIL,1988)

Na escola o aluno deve se sentir bem e confortável. Porque é na escola que acontece a educação, e educar permite que todos possam ter acesso ao mesmo ensino. Para isso faz-se necessário que as escolas sejam inclusivas.

Portanto, a inclusão acontece quando todos da escola estão preparados para receber o aluno que necessite de um olhar diferenciado. Independente da instituição essa preparação é necessária, mesmo que não tenha criança autista nesse ambiente. Mas se ela chegar, a criança não pode esperar para que a escola se prepare. Ela de imediato deve estar preparada. E estando preparada com recursos didáticos apropriados, com equipe de profissionais com formação

adequada para o atendimento dessa população e com o uso de estratégias que facilite o desenvolvimento da criança autista, conseqüentemente, essas crianças terão um melhor aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta etapa de conclusão da pesquisa nos permitiu refletir sobre tudo que foi lido e aprendido durante toda a construção do trabalho. O estudo não ficou limitado apenas a literatura voltada para a área da inclusão. A análise de dados, com os relatos das entrevistadas, nos permitiu ter um pouco mais de acesso ao cotidiano das professoras, da mãe e das crianças autistas.

Através das análises das falas das entrevistadas pode-se afirmar que os objetivos traçados para esse trabalho foram alcançados, uma vez que teve como objetivo geral: compreender os desafios e possibilidades para um trabalho com a criança autista. Desta forma, para a realização do objetivo geral, tivemos como objetivos específicos: identificar as principais dificuldades enfrentadas pela criança autista; para isso também investigamos se existe formação para os docentes trabalhar com o aluno com TEA; e por fim conhecer as estratégias utilizadas pelos professores no aprendizado da criança autista.

Com base em tudo que foi estudado e analisado podemos chegar à conclusão de que as leis para melhor acontecer a educação e inclusão existem; e as formações para capacitar os profissionais da educação elas acontecem. O que se observa são conquistas que precisam ser melhor efetivadas para se realizar a inclusão na escola como um todo, que vai da entrada da criança na escola ao ter seu primeiro contato com o porteiro, até chegar a sua sala de aula.

Dessa forma, não devemos nos limitar ao pensar que a inclusão acontece apenas no ato da matrícula. Uma criança com necessidades especiais numa escola regular precisa de atenção profissional, assim como outra qualquer criança sem deficiência. A inclusão acontece quando o espaço escolar está todo organizado para receber e trabalhar o processo de ensino e aprendizagem da criança com TEA junto com as demais.

É necessário que os professores e os demais profissionais que atuam na escola tenham uma formação continuada para receber e trabalhar com as crianças autistas. Que as escolas sejam mais acessíveis para todos os alunos que ali estudam ou venham a estudar. Cabe também aos educadores, conhecer e identificar as limitações que impedem aquele aluno de se desenvolver na sala de aula, permitindo que a criança se sinta acolhido e por fim, buscar estratégias que facilite o aprendizado da criança com TEA.

O presente trabalho nos possibilitou perceber brevemente as dificuldades que a criança autista enfrenta no ambiente escolar, identificamos também algumas estratégias que os educadores utilizam para realizar o aprendizado e desenvolvimento da criança com TEA.

Além disso acreditamos que o trabalho no processo de aprendizagem inclui também a participação da família dessas crianças. Quando os pais conhecem e lutam pelos direitos de seus

filhos, os mesmos contribuem para que a inclusão possa se aproximar do seu filho e das demais crianças que ali estudam, e conseqüentemente, acontecer o processo de aprendizagem para todos.

Por fim, observou-se que é possível realizar o aprendizado da criança com TEA, que os desafios existem e essa luta será frequente. Junto aos desafios também existem pessoas capazes de mudar essa realidade de dificuldades e preconceito. Sendo o professor umas das chaves principais na contribuição do desenvolvimento das crianças autistas e tem competência para fazer essa educação acontecer, permitindo que o aprendizado seja efetivo.

Esse estudo não se encerra aqui, mas que seja um subsidio para futuros trabalhos que tratem dessa temática.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. B. Autismo: intervenções psicoeducacionais. In: **Revista Bras Psiquiatr.** 2006, p. 47-53.

ANTUNES, Celso. **Inclusão: o nascer de uma nova pedagogia.** São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

BELISARIO, F.J.F; CUNHA, P. **A educação especial na perspectiva da Inclusão escolar.** Brasília, 2010.

BOSA, Cleonice. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. In BAPTISTA, Cláudio Roberto; BOSA, Cleonice. **Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção.** São Paulo: Artmed, 2002. p. 21-39.

BRITO, M.C. **Estratégias práticas de intervenção nos transtornos do espectro do autismo.** Saber autismo, 2017.

CARNEIRO, M. A. **O acesso a alunos com deficiência às escolas e classes comuns: possibilidades e alternâncias.** Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. **Inclusão da criança com autismo na educação infantil: trabalhando a mediação pedagógica.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

CRU, C., Pereira, C., Ferreira, C., Santos, H., Ribeiro, M. **Criança Autista: Pais e Professores – Uma Parceria de Sucesso no Desenvolvimento de Competências.** Millenium, 2010, p. 89-107.

CUNHA, E. **Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família.** 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

DIAS, M. C. **Atendimento educacional especializado complementar e a deficiência intelectual: considerações sobre a efetivação do direito à educação.** 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FERREIRA, B. W. inclusão x no Brasil: reflexões sobre a formação docente dez anos após Salamanca. In: David Rodrigues (Organizador). **Inclusão e Educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva.** São Paulo: Summus Editorial. 2006. p. 211-238

HEHIR, T; GRINDAL, T; FREEMAN, B; LAMOREAU, R; BURKE, S. **Os benefícios da Educação Inclusiva para estudantes com e sem deficiência.** São Paulo: Alana, ago, 2016.

JESUS, D. M. de. et al. Inclusão escolar, formação continuada e pesquisa-ação colaborativa. In: BAPTISTA, C. R. (Org.). **Inclusão e escolarização múltiplas perspectivas.** Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 95-106.

LEI Nº13.146 JULHO DE 2105.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 13/09/2020

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANTOAN, M. T.E. O direito de ser, sendo diferente, na escola. In: RODRIGUES, D. (Org). **Inclusão e Educação: doze olhares sobre a Educação Inclusiva**. São Paulo: Summus Editorial. 2006. p. 183-209.

MANTOAN, M.T.E. **O desafio das diferenças nas escolas**. 5 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

MANTOAN. M.T.E. **Inclusão escolar: O que é? Porque? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MARQUI, Vivian. Autismo e aprendizagem: possibilidades de intervenção. In: Serra, Tatiana. **Autismo um olhar 360º**. São Paulo: Literare Books International. 2020, p. 63-68.

MELLO, Ana, Maria. S. Ros de. **Autismo: guia prático**. 2ª ed. São Paulo: AMA, 2001.

MELLO, Ana, Maria. S. Ros de; ANDRADE, Maria. América; HO, Helena. Chen; DIAS, Inês, Sousa de. **Retratos do autismo no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: AMA, 2013.

MITTLER, P. **Educação inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

OLIVEIRA, A.D. **Condições de formação continuada do programa educação inclusiva: direito à diversidade e**. 2012. 109f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Corumbá, MS, 2012.

PANIAGUA, Gema. As famílias de crianças com necessidades educativas especiais. In COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús e colaboradores. **Desenvolvimento psicológico e educação: Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. v.3. 2. ed. Porto Alegre, 2007, p. 330-346.

REVISTA AUTISMO. In: Disponível em:
<https://issuu.com/revistaautismo/docs/revistaautismo004>. Acesso em: 23/07/2019.

RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf> Acessado em: 25/05/2019.

RODRIGUES, D. **Inclusão e Educação: doze olhares sobre a Educação Inclusiva**. São Paulo: Summus Editorial. 2006.

ROPOLI, E. A. A escola comum inclusiva. Ceará: MEC, 2010. (Coleção A educação especial na perspectiva da inclusão escolar).

ROSA, P.A.M; PRADO, H.P.P; FABIÃO, R.L.P; VIDAL, F.P.S. O professor e a inclusão do educando autista na escola comum do ensino regular: Os desafios na prática pedagógica. In: **Memorial TCC Caderno da Graduação - FAE: Centro Universitario**,2017. p. 584-597.

RUSSO. Fabiele. Manual sobre o autismo. In: **Neuro Conecta**. Jul, 2019. p 1-26.

SASSAKI, R.K. **Construindo uma sociedade para todos**. 3 ed. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SERRA, D. Autismo, Família e Inclusão. In: **Revista Polêmica**, v. 9, n. 1, 2010, p. 40-56.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo, 24. ed. rev. e atual. Cortez, 2016.

SILVA, A. B. B.; BONIFACIO, M. G.; THADEU, L. R. **Mundo singular: entenda o autismo**. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2012.

SILVA, K.S.B.P; MARTINS, L.A.R. Formação docente na perspectiva da inclusão: da formação inicial à educação continuada. In: MARTINS, L.A.R; PIRES, G.N.L; JOSÉ, P (Org). **Inclusão Escolar e Social: Novos contextos, Novos aportes**. EDUFRN,2012. p. 129-158.

SILVA; Mirelly Karlla da, BALBINO; Elizete Santos: **A importância da formação do professor frente ao transtorno do espectro autista – TEA: estratégias educativas adaptadas**, 2015.

MEC, DECLARAÇÃO DE SALAMANCA (BRASIL, 1994) - Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 20/01/2020.

VIEIRA, Soraia. PECS: sistema por figuras é boa ferramenta de comunicação para autistas. In: **Revista Autismo**, n. 4, mar, abr. mai. 2019, p. 1-14.

WERNECK, C. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – TCLE**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**

Pesquisador(a) responsável: Daiane Felix de Almeida

Professor(a) orientador(a) do Estudo: Nozângela Maria Rolim Dantas

Prezado(a) Professor(a):

Você está sendo convidado(a) a participar de uma entrevista semiestruturada de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. O pesquisador deverá responder a todas as suas dúvidas antes que você decida participar. Você tem o direito de desistir a qualquer momento, sem nenhuma penalidade.

Você receberá cópia deste Termo, no qual consta o telefone e endereço eletrônico dos pesquisadores responsáveis, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Em caso de dúvidas, você poderá entrar em contato com o orientador

A problemática da pesquisa está centrada em Como e quais estratégias são utilizadas pelo professor para auxiliar o aluno autista no processo de aprendizagem? Sendo objetivo geral: compreender os desafios e possibilidades para um trabalho com a criança autista e os objetivos específicos são: identificar as principais dificuldades enfrentadas pela criança autista; investigar se existe formação para os docentes alfabetizar os alunos com TEA; conhecer as estratégias utilizadas pelos professores em sala de aula voltadas para os alunos autistas.

A participação na entrevista semiestruturada não representará qualquer risco de ordem psicológica para você. As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelo pesquisador responsável. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados forem divulgados em qualquer forma. Como pesquisadora, comprometo-me a esclarecer devidamente qualquer dúvida que, eventualmente, o/a participante venha a ter, no momento da pesquisa ou posteriormente.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

De acordo com a resolução 510/2016 – que define as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, toda pesquisa possui riscos potenciais aos sujeitos participantes, maiores ou menores, de acordo com o objeto de pesquisa, os seus objetivos e a sua metodologia. Assim, esta pesquisa poderá causar constrangimento ou desconforto ao sujeito, durante a entrevista semiestruturada que será gravada. Para minimizar quaisquer riscos ao sujeito a entrevista será transcrita e após enviada por e-mail, a fim do sujeito ter a possibilidade de pedir a exclusão de qualquer trecho ou adicionar qualquer informação que achar pertinente ao estudo.

Ciente das informações contidas deste documento confirmo que concordo em participar, como voluntário/a, da pesquisa intitulada '*Desafios e possibilidades para um trabalho com a criança autista*', que tem como pesquisador/a responsável Daiane Felix de Almeida, aluno/a da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) do Curso de Pedagogia, orientado/a pôr Rosângela Maria Rolim Dantas, os/as quais podem ser contatados/as pelo e-mail daiane.almeidafelix.df@gmail.com e nozangela@gmail.com e/ou telefone (83) 98178-5959 ou 99362-5272. Minha participação consistirá em fornecer informações para o estudo, a partir da realização de uma entrevista semiestruturada gravada. Compreendo que o estudo possui finalidade de pesquisa, e que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa, assegurando, assim, minha privacidade. Sei que posso retirar meu consentimento quando eu quiser, e que não receberei nenhum pagamento em qualquer espécie de moeda por essa participação na pesquisa.

Assinatura

APÊNDICE B**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA: Mãe****DADOS DA MÃE**

Sexo: Feminino Masculino

Estado Civil:

Faixa Etária:

Até 18 Anos Entre 19 e 30 Anos Entre 31 e 40 Anos

Entre 18 e 23 Anos Entre 41 e 54 Anos

Entre 24 e 30 Anos Acima de 55 Anos

Graduação: Sim Não

Qual:

Especialização:

Tempo de Serviço:

Sempre trabalhou na Escola Pública: Sim Não

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. O que você entende sobre o Transtorno Espectro Autista?
2. Quando você recebeu o diagnóstico qual o seu sentimento ao saber que seu filho era autista? E qual foi o primeiro passo para trabalhar o aprendizado do seu filho?
3. Na sua opinião a escola é inclusiva? Ela realiza a inclusão?
4. Você acredita que existe uma formação ou capacitação para os professores e equipe da escola trabalhar com a criança com TEA?
5. Em sua opinião você observa por parte da escola e docentes estratégias utilizadas para realizar a aprendizagem da criança com TEA? Quais?
6. Quais as principais dificuldades e desafios enfrentados por seu filho na escola? Você observou algum tipo de preconceito?

7. Quais são as principais dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelo seu filho? E quais estratégias você utiliza para realizar essa aprendizagem?

8. Na sua opinião a sala de aula regular está preparada para trabalhar o aluno com TEA?

APÊNDICE B**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA: Professora****DADOS DA PROFESSORA**

Sexo: () Feminino () Masculino

Estado Civil: Solteira

Faixa Etária:

() Até 18 Anos () Entre 19 e 30 Anos

() Entre 31 e 40 Anos () Entre 41 e 50 Anos

() Entre 51 e 60 Anos () Acima de 61 Anos

Graduação: Sim () Não ()

Qual:

Especialização:

Tempo de Serviço:

Sempre trabalhou na Escola Pública: () Sim () Não

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. O que você entende sobre o Transtorno Espectro Autista? Você tem algum aluno com TEA?
2. Na sua opinião a escola é inclusiva? Ela realiza a inclusão?
3. Existe formação ou capacitação por parte da secretaria da educação ou da escola para os professores trabalhar com a criança com TEA?
4. Na sua opinião quais as principais dificuldades enfrentadas pela criança com TEA no processo de aprendizagem?
5. Quais as principais estratégias você utiliza para realizar a aprendizagem do aluno autista?
6. Quais os principais obstáculos que você como docente já se deparou ao trabalhar com alunos com TEA?

7. Na sua opinião é importante o acompanhamento da família no aprendizado do aluno autista, e como a família pode contribuir no desenvolvimento dessa criança?